As falsas cartas consoladoras e o incorreto trabalho mediúnico

A busca pela comunicação com os Espíritos de entes e conhecidos queridos, por todos os que tem ciência dessa possibilidade, sempre aconteceu. Essa busca não é errada, nem imprópria, **desde que feita com utilidade e seriedade**, como Allan Kardec sempre nos demonstrou. A maneira como ela está sendo "atendida", porém, através das famosas "cartas consoladoras" é incorreta e, algumas vezes, **enganosa**, como demonstraremos abaixo.

Começamos dizendo que o correto trabalho mediúnico precisa atender a algumas regras essenciais, conforme o que aprendemos estudando a ciência espírita:

- O trabalho mediúnico deve **ser realizado no anonimato**, de modo que a sombra da vaidade não venha obscurecer o trabalho do médium.
- O trabalho mediúnico deve **ser realizado em particularidade, isto é, não deve ser exposto ao público**, posto que acesso aberto a qualquer um pode expor o grupo e o médium a Espíritos malévolos ou levianos, atraídos por indivíduos de propósitos menos ou nada construtivos, que encontrem livre-acesso ao grupo mediúnico.
- Qualquer suposto médium que pretenda ter os Espíritos ao dispor, já entrega sua charlatanice

> *A faculdade mediúnica, mesmo quando restrita aos limites das manifestações físicas, não foi concedida para exibições de feira. Quem pretender dispor de Espíritos às suas ordens para os exibir em público pode ser suspeito, com justiça, de charlatanismo ou da prática mais ou menos hábil de prestidigitação. Que se lembre disso todas as vezes que surgirem anúncios de pretensas sessões de Espiritismo ou de Espiritualismo com entrada paga, e se lembre do direito que se adquire ao entrar. De tudo o que foi dito concluímos que o desinteresse mais absoluto é a melhor garantia contra o Charlatanismo. Se ele nem sempre assegura a veracidade das comunicações inteligentes, retira aos Espíritos maus um poderoso meio de ação e fecha a boca a certos detratares.*
>
> *Allan Kardec – O Livro dos Médiuns*

- Não se deve ficar esperando “cartas consoladoras”. O trabalho é de diálogo, por meio das evocações, que, em primeiro lugar, devem ser direcionadas ao Espírito guia do grupo, que poderá dizer se o Espírito que se visa evocar está apto ou não para o diálogo.

Quando se quer comunicar com um Espírito determinado é absolutamente necessário evocá-lo (ver n° 203). Se ele puder atender, obtêm-se geralmente a resposta: “sim” ou “aqui estou”, ou ainda “que queres de mim”? Às vezes ele entra diretamente no assunto respondendo por antecipação as perguntas que se pretende fazer.

Allan Kardec – O Livro dos Médiuns

- O médium não deve se colocar no papel de “fax do mundo espiritual”, ficando à disposição de quem quer que chegue, sem nenhum controle.

“[…] não chamar nenhum em particular é abrir a porta a todos os que querem entrar”.

“As comunicações espontâneas não têm nenhum inconveniente quando controlamos os Espíritos e temos a certeza de não deixar que os maus venham a dominar”

Allan Kardec — O Livro dos Médiuns

- O interessado na evocação, isto é, a pessoa que conheceu o indivíduo que busca evocar, **deve estar presente**, participando do diálogo. É ela quem poderá atestar a identidade do Espírito, que dará elementos de prova por livre-vontade (veja Revista espírita — Jornal de estudos psicológicos — 1858 > janeiro > Evocações particulares. > Mamãe, aqui estou).

*É também conveniente só com muita prudência fazer evocações na ausência das pessoas que as pedem, e **no mais das vezes é mesmo preferível não fazê-las**. Porque somente essas pessoas estão aptas a controlar as respostas, a julgar a identidade do Espírito, a provocar os esclarecimentos que as respostas*

suscitarem e a fazer as perguntas ocasionais a que as circunstâncias podem levar. Além disso, sua presença é um motivo de atração para o Espírito, geralmente pouco disposto a se comunicar com estranhos pelos quais não tem nenhuma simpatia. Em suma: o médium deve evitar tudo o que possa transformá-lo em instrumento de consultas, o que, para muita gente equivale a ledor da sorte.

Allan Kardec — O Livro dos Médiuns.

- Para a realização da evocação formal, ***não são necessários mais do que o nome do indivíduo e a data do falecimento***. **Deve-se desconfiar** do excesso de perguntas feitas previamente, quanto mais com grande antecedência, que podem dar margem para os charlatães buscarem informações expostas na Internet.
- **Deve-se desconfiar do excesso de provas e da ausência de utilidade de alegadas comunicações**: qualquer Espírito, que não seja um Espírito leviano ou maldoso, não virá perder tempo para ficar falando de amenidades e fofocas do mundo Espiritual. O interesse será auxiliar ou buscar auxílio, conforme a elevação do Espírito. Alegadas "cartas" que não saem do "mãezinha, estou bem, eu estava no umbral, mas fui socorrido, levado a um hospital e agora estou trabalhando em Nosso Lar são mistificações de Espíritos levianos ou charlatanismo e pretensos médiuns, querendo conquistar seu espaço na mente do fanatismo religioso. Além disso, percebe-se, em muitas "cartas", um **excesso de vontade de provar, em cada frase, que o Espírito é ele mesmo**, sem ir, além disso, às questões mais profundas, coisa que os Espíritos não fazem.
- **Todas as comunicações devem ser julgadas**, sejam espontâneas ou resultados de evocações. Assim, evita-se o hábito completamente absurdo de acreditar cegamente naquilo que dizem os Espíritos.

[…] propõe o Sr. Allan Kardec o exame aprofundado e minucioso de certas mensagens espontâneas e de outras, que poderiam ser analisadas e comentadas, como se faz com as críticas literárias. Tal gênero de estudo teria a dupla vantagem de exercitar a apreciação do valor das comunicações espíritas e, em segundo lugar e em consequência da mesma apreciação, de desencorajar

> *os Espíritos enganadores que, vendo suas palavras epilogadas, controladas pela razão e finalmente repelidas, desde que tenham um cunho suspeito, acabariam por compreender que perdem seu tempo. Quanto aos Espíritos sérios,* ***poderiam ser chamados para darem explicações e desenvolvimentos sobre os pontos de suas comunicações que necessitassem de elucidação****”*
>
> *Allan Kardec – RE60/maio*

Não é demais lembrar que a questão de identidade dos Espíritos, sobretudo quando em comunicações particulares, é de sobeja importância. Os frutos das charlatanices, ou mesmo das mistificações, podem derrubar a fé de certas pessoas, sobretudo em ocasiões nas quais, buscando tais consolações, estão comumente desoladas.

Importa destacar que a abolição das evocações, pelo Movimento Espírita, desviado de sua essência pela forte influência roustainguista da Federação Espírita Brasileira ao longo do século XX, foi o maior erro frente ao Espiritismo. Sem as evocações, deixamos de dialogar com os Espíritos, de questionar, de investigar, sendo justamente essa a ferramenta necessária para o desenvolvimento da ciência espírita, ora substituída por opiniões individuais de Espíritos, aceitas de maneira cega.

Para finalizar, lembramos que o trabalho do médium não deve ser o de centralizar, sob si, as atenções. Ele é ferramenta dos Espíritos (quando é verdadeiro médium) e deve utilizar das comunicações dadas pelo seu intermédio, em primeiro lugar, para sua própria construção moral. Não cabe a ele, nem a ninguém, colocar-se como centro das atenções. O grupo mediúnico — novamente: particular, pequeno, harmonioso — deve ser um organismo no qual cada célula faz a sua parte, em harmonia e com confiança nas demais.